

INCLUSÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA

Fernanda Vaz Torres¹
Anna Lúcia Sampaio Marchesini²

INTRODUÇÃO

Segundo Machado, Almeida e Saraiva (2009) a inclusão remete a um conflito histórico e pertencente a certo funcionamento social, determinado pela exclusão social. Falar de inclusão, portanto, é observar a constituição excludente e desigual da sociedade. O termo inclusão é associado ao campo dos direitos humanos e aos conceitos de igualdade, fraternidade e democracia. “A inclusão escolar teve as suas origens no centro das pessoas em situação de deficiência e insere-se nos grandes movimentos contra a exclusão social (...) tendo como princípio a defesa da justiça social” (AINSCOW E FERREIRA, 2003 apud TEODORO E SANCHES, 2006, p.69).

Depreende-se com a Declaração de Salamanca que a educação é para todos, independentemente das dificuldades e diferenças existentes. Para que a educação se constitua como inclusiva é preciso que a sociedade se organize por meio de um conjunto de serviços especiais. Rabelo e Amaral (2003, p.213) citam que muito já foi discutido para a implementação da escola inclusiva, “porém ainda não foi definido como será e como poderá ser feita a qualificação dos professores que estarão atuando diretamente com esses alunos.”

A psicologia como ciência que tem um importante compromisso social necessita aproximar-se do campo dos direitos humanos e das políticas referentes a inclusão (BRASIL, 2008; 2015) que buscam assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Neste sentido, a construção da inclusão na educação necessita contar com o trabalho dos profissionais de psicologia nos diversos espaços de subjetivação que a pessoa se constitui. É trabalho do psicólogo escolar, portanto, auxiliar o fazer pedagógico dos professores na escola, atuando como agente de mudanças dentro da instituição escolar, bem

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Salvador - UNIFACS, fernandavaztorres@gmail.com;

² Professora orientadora: Mestre em Psicologia Clínica pela PUC - SP, Universidade Salvador – UNIFACS, marchesinianna@yahoo.com.br;

como posicionando-se como elemento centralizador de reflexões e conscientizador dos papéis representados pelos grupos que compõem a instituição (MARTINS, 2003).

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar a atuação do psicólogo escolar na inclusão escolar da educação básica, e como objetivos específicos: apontar as concepções de inclusão escolar pelos professores; discutir como está ocorrendo a criação de estratégias que assegurem a inclusão por psicólogos escolares junto aos professores; descrever as principais dificuldades encontradas pelos professores no processo de inclusão escolar.

O estudo tem como questão norteadora: Como os psicólogos escolares podem auxiliar os professores a criar estratégias para alunos de inclusão? Compreende um questionamento construído nas atividades de estágio extra-curricular em escola de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental por três anos. Em conversas informais percebemos as dificuldades que os profissionais de psicologia e pedagogia apresentam para lidar com a inclusão de alunos com deficiência.

As pesquisas (BEYER, 2010) apontam que a inclusão escolar é um assunto extremamente discutido atualmente por todos os setores sociais. Com o advento da Lei Brasileira de Inclusão, Lei N° 13.146 (BRASIL, 2015), as escolas precisaram se adequar para atender as novas demandas exigidas pela legislação. Deste modo, justifica-se este projeto que resultará numa pesquisa que fornecerá dados relevantes para a construção de um corpo de conhecimentos mais consistentes sobre as contribuições da atuação dos profissionais de psicologia nas escolas de educação infantil.

METODOLOGIA

Este trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa descritiva, que foi realizada através de revisão bibliográfica e aplicação de questionário para professores escolares da educação básica e das redes pública e particular de ensino, através do Google formulários.

O questionário foi disponibilizado em redes sociais da internet e ficou disponível por duas semanas. Estruturou-se por 13 perguntas, com duração média de 2 (dois) a 5 (cinco) minutos. Foi informado aos participantes o objetivo do questionário, assim como explicado que ele não possuiria nenhum custo financeiro para responde-lo, nem receberia nada por isso. Foi esclarecido aos participantes que os dados obtidos com o questionário seriam divulgados através de um artigo, porém que a identidade deles permaneceria em sigilo durante todo o processo.

O questionário consistiu em 7 perguntas de múltipla escolha e 6 perguntas de respostas curtas, permitindo assim a construção de gráficos para melhor ilustração das respostas.

DESENVOLVIMENTO

Inclusão Escolar – Histórico

Constitui a base teórica deste estudo um breve histórico sobre o paradigma da inclusão escolar, destacando a educação especial, os avanços na legislação e nas ações que contemplaram diversos tipos de deficiências e as contribuições da Psicologia Escolar as práticas de inclusão.

Com o surgimento da Lei Brasileira de Inclusão, Lei N° 13.146 (BRASIL, 2015) todas as escolas precisaram se adaptar curricular e estruturalmente para receber as crianças com deficiências. A escola, portanto, não pôde mais ignorar o que estava acontecendo ao redor, nem marginalizando e anulando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos (MANTOAN, 2003). Para se adequar a esta nova realidade foi preciso uma transformação em todos os âmbitos que circundam uma escola.

O entrelace da inclusão e a psicologia escolar – estratégias e intervenções psicológicas

É importante discutir a relação entre a psicologia e a educação a partir de sua interdependência (ANTUNES, 2000). As práticas educativas no Brasil são influenciadas pela psicologia desde o período colonial, assim como a psicologia é influenciada pelas demandas educacionais que corroboraram pelo estabelecimento desta como ciência e profissão.

Lima (2011) relata que no período colonial, muitas obras sobre educação foram escritas, principalmente com a psicologia entrelaçada. No Século XIX houve também a criação das primeiras faculdades de medicina do Brasil, local onde a produção de ideias psicológicas atreladas a escola a educação se fez presentes. Para Antunes (2000), no final deste século pode-se considerar a efetivação do cenário que anos depois, veio a ser considerado como Psicologia da Educação.

É importante destacar nomes como Helena Antipoff, Ulisses Pernambuco e Noemy Rudolfer, pioneiros na Psicologia como instrumento de transformação nas escolas e principalmente, na educação. Estes já promoviam ações que hoje são defendidas pela Psicologia Escolar e Educacional, como a necessidade de se construir uma parceria entre a

escola e a família, a inclusão de professores e pais para pensarem sobre o não aprender na escola, busca pela melhoria da qualidade de ensino (LIMA, 2011).

O psicólogo escolar busca dar importância ao trabalho coletivo dentro das escolas, enfatizando a autonomia, consciência crítica e liberdade dos indivíduos. Este trabalha juntamente com diretores, professores, orientadores e pais, buscando as condições necessárias para o desenvolvimento e a aprendizagem do sujeito. Atua mediando os processos de ensino e aprendizagem, criando espaços de escuta e proporcionando acolhimento as demandas provenientes da sala de aula e dos alunos, individualmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram obtidas 45 participações ao questionário, mas não necessariamente 45 respostas para cada pergunta.

Dentre as perguntas realizadas, destaca-se a que abordava o que para eles é a inclusão escolar. Muitos responderam que consiste na prática do acolhimento as diferenças e adaptação curricular, como evidenciado na seguinte resposta: “É adequar a escola da melhor forma possível para receber e incluir no currículo pedagógico práticas que favoreçam o desenvolvimento da criança, respeitando seus limites do professor. Dentro das possibilidades de ensino e dos recursos que a escola oferece.” Algumas respostas explicitaram pontos de vistas semelhantes, porém escritos de formas diferentes, como a inclusão atrelada a cidadania e a igualdade.

A maior parcela dos respondentes evocou comentários com componentes positivos acerca da inclusão escolar, porém, outros teceram aspectos negativos sobre esta prática, como pode-se notar através da seguinte resposta: “Na atualidade, é um depósito de pessoas com dificuldades e que estão sendo enganadas, pois não desenvolvem habilidades minimamente necessárias para crescer social e intelectualmente.”

O questionário levantou também a discussão a respeito do profissional que auxilia o professor a trabalhar com a inclusão escolar. 57,1% das pessoas afirmaram que não existe ninguém da equipe escolar que os ajuda a criar estratégias de inclusão. 42,9% responderam que há alguém que os ampara neste processo. Questionados sobre a profissão deste indivíduo que desenvolve este tipo de trabalho, a maior parte destacou que consistem em pedagogos e psicólogos, e normalmente são coordenadores ou orientadores da escola.

Indagados a respeito de como estes profissionais podem melhorar esta forma de suporte, pode-se destacar esta resposta: “A psicóloga, muitas vezes, falta compreensão da dinâmica da sala de aula, conhecimento do que é possível fazer, também sobre os alunos de inclusão. Como não está em sala de aula, conhece pouco de suas potencialidades e dificuldades. A auxiliar também encontra dificuldade para saber lidar com essas crianças, desenvolver o seu potencial e não fazer por elas”. A maioria pontuou, também, que necessita de capacitação, pois não se sentem preparados para atuar com esta demanda.

Quanto ao sentir-se preparados para praticar a inclusão dentro da sala de aula, a maioria respondeu que não se sente preparado para tal (78%). Foi questionado também quais as deficiências mais comuns dentro da sala de aula. Autismo foi o mais citado, seguido por transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, dislexia e síndrome de Down. 78,6% dos respondentes explicitaram que sentem dificuldade em trabalhar com pessoas com deficiência, e dentre essas dificuldades, as mais citadas foram: estrutura precária das escolas, falta de materiais (materiais escolares em geral), número insuficiente de profissionais, turmas numerosas e ausência de capacitação da equipe quanto ao trabalho com as pessoas com deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo objetivou analisar a atuação do psicólogo escolar na inclusão escolar da educação básica, assim como a forma que este tem desenvolvido as estratégias necessárias para a atuação dos professores em sala de aula com as pessoas com deficiência e as principais dificuldades encontradas por estes no processo de inclusão escolar.

A falta de estrutura da maioria dos espaços escolares, aliada a má formação dos profissionais que circulam nestes ambientes, resultam não só em processos inclusivos defasados, mas principalmente em crianças adoecidas e incompreendidas.

O psicólogo escolar não tem desenvolvido um trabalho consistente nestes espaços. Falta tempo, momento para diálogo, capacitação, escuta. Os professores se sentem completamente sós no processo de inclusão escolar e na maioria das vezes não conseguem fornecer condições mínimas para que o aluno seja incluído na classe. Turmas lotadas, profissionais limitados, materiais escassos. Esta é a realidade de escolas encontradas por muitos professores que se deparam com a educação inclusiva

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. A. M. Psicologia e educação no Brasil: um olhar histórico crítico. In: M. E. M. Meira & M. A. M. Antunes (Orgs.), **Psicologia Escolar: Teorias e Críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 139-168.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e Avaliação na Escola**: de alunos com necessidades especiais. 3º Edição. Porto Alegre: Mediação, 2010.

BRASIL, LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm >. Acesso em: 15 set. 2018.

MACHADO, Marcondes Machado; ALMEIDA, Izabel; SARAIVA, Luis Fernando de Oliveira. Rupturas necessárias para uma prática inclusiva. In: ANACHE, Alexandra Ayach; SILVA, Lolete Ribeiro. **Educação Inclusiva: Experiências Profissionais em Psicologia**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009. p. 21-37.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? 1º Edição. São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, João Batista. A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. **Psicologia Em Estudo**, Maringá, v. 8, n.2, p. 39-45, 2003.

RABELO, Annete Scotti; AMARAL, Inez Janaina de Lima. A formação do professor para a inclusão escolar: questões curriculares do curso de Pedagogia. In: LISITA, Verbena Moreira S. de S.; SOUSA, Luciana Freire E. C. P. **Políticas Educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. P. 209 – 223.

SANCHES, Isabel; TEODORO, António. Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n.8, p.63-83,2006.